

Economia Profilática

02 FEV 1998

SOCIEDADE DO BRASIL

O Brasil economizaria parte gigantesca dos recursos destinados à saúde se desenvolvesse programa eficiente e continuado de prevenção contra as doenças coronárias. Elas são a causa de 34% das mortes no país e suas vítimas lotam os hospitais do Sistema Único de Saúde, elevando os custos. Trezentos mil brasileiros morrem a cada ano por causa de problemas cardiovasculares.

Essa é uma triste realidade que poderia ser mudada se o país concentrasse na prevenção parte substancial do que gasta para corrigir os estragos produzidos pela ignorância. Os Estados Unidos conseguiram, em 23 anos de campanhas públicas e sustentadas de esclarecimento da população, reduzir em 53,2% o índice de mortalidade por doenças coronárias. Economizaram, com isso, bilhões de dólares. E aliviaram o sistema de saúde de milhões de pacientes que evitaram problemas cardiovasculares por mudarem hábitos alimentares, adotarem programa regular de exercícios físicos e controlarem outros fatores de risco.

As autoridades brasileiras da área de saúde deveriam aproveitar o maior congresso médico a ser realizado no país – o 13º Congresso Mundial de Cardiologia, que acontecerá entre 26 e 30 de abril deste ano – para mudar o paradigma nacional em relação às doenças coronárias. Não haveria melhor oportunidade para lançar programa de longo alcance do que esta. Primeiro, porque estarão reunidos num só evento 12 mil profissionais de saúde de todo o mundo. Depois, porque o tema do congresso é justamente a prevenção.

Esse congresso tem programadas mais de 500 palestras de especialistas de várias partes do planeta, nele serão apresentados 2 mil trabalhos

inéditos na área de prevenção e espera-se que marque novos rumos para o tratamento das disfunções cardíacas. Seria o fórum perfeito, pela repercussão esperada, para o Brasil anunciar uma virada na política de prevenção das doenças cardiovasculares.

Um programa preventivo adequado, acreditam os especialistas da Sociedade Brasileira de Cardiologia, que promove o evento, equivaleria, em termos de economia de recursos, a nova reforma da Previdência. Mais que isso, um avanço na política de saúde brasileira.

O brasileiro morre cada vez mais, e mais cedo, de doenças cardiovasculares. As estatísticas mostram que 48% das mortes por infarto agudo do miocárdio ocorrem antes dos 65 anos. E 38% desses, antes dos 55 anos. Basta comparar com os resultados obtidos pelos Estados Unidos depois de anos de campanhas públicas de esclarecimento. Os americanos conseguiram baixar a mortalidade por infarto antes dos 65 anos a 17%. É a prova indubitável de que o programa funcionou.

A importância dessa política nos Estados Unidos pode ser medida pelos investimentos que farão este ano para prevenção e tratamento dessas moléstias. Nada menos que US\$ 56 bilhões. No Brasil, dos R\$ 31,1 bilhões destinados à saúde no orçamento deste ano, 3% serão destinados a essa área.

Entre as dez doenças que mais matam, no Brasil, a primeira é o infarto do miocárdio; a segunda, o acidente vascular cerebral e a terceira a insuficiência cardíaca. O padrão da doença coronária, entre os brasileiros, assemelha-se aos do Leste Europeu e da Tailândia, países onde mais se morre do coração. É hora de nova política.